



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **CIBERÉTICA E CIDADANIA<sup>1</sup>**

Clinio Jorge de Souza – Doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP

### **RESUMO**

*Inserido no cenário mais amplo da “Comunicação para a Cidadania”, este artigo tem por objetivo focalizar a rápida mudança por que passam as comunicações e troca de informação entre as pessoas dos tempos ditos pós-modernos, bem como o impacto resultante desta nova forma de comunicação – mais especificamente a Internet - na vida social, política e ética, aqui enfocando, mais especificamente, como o advento e crescimento exponencial da Rede Planetária vem influenciando no aperfeiçoamento da ética (que aqui chamamos Ciberética), democracia e da cidadania.*

### **Palavras-chave**

*Comunicação – cidadania - Internet*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP15 – Núcleo de Pesquisa Semiótica da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Partimos do pressuposto de que com a atual globalização (muitos estudiosos entendem ter havido outras), há maior facilidade propiciada pelas novas tecnologias, as quais estimulam a crescente participação do indivíduo na busca da sua cidadania, inclusive promovendo ações concretas e massivas para propiciar a educação e integração à rede planetária de um significativo contingente de excluídos digitais.<sup>1</sup>

Consideramos a Internet como um canal por onde se realiza o processo de comunicação entre um emissor, que transmite informação a um receptor.<sup>2</sup>

Já **cidadania** seria o status jurídico e político mediante o qual o cidadão adquire direitos como indivíduo e deveres relativos a uma coletividade política, que o habilitam ao convívio social.

### **Cidadania e Ética**

Na clássica conceituação de Marshall, cidadania compreende direitos civis, necessários para garantir as liberdades individuais, direitos políticos, indispensáveis para permitir a participação no exercício do poder, e os direitos sociais, requeridos para assegurar que, dentro dos padrões de uma sociedade dada, cada indivíduo possa desfrutar da segurança oferecida pelo bem-estar econômico, compartilhar a herança sociocultural e viver digna e civilizadamente.<sup>3</sup>

Portanto, o conceito de cidadania envolve a consciência moral e ética, responsabilidade cívica, isso acarretando a cada um a responsabilidade quanto a seus atos e maneiras de agir e pensar tendo como finalidade o respeito pelo próximo, respeitando-lhe as idéias e convicções.

Explicitando o conceito de cidadania ao longo do tempo, podemos constatar que sua trajetória é marcada por noções muito diversas. De uma noção restritiva e seletiva na *polis* grega, ou Cidade-Estado, a idéia de cidadania deslocou-se, na moderna democracia (contratual), para a idéia de Estado-nação, determinado por limites territoriais, língua,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

costumes etc. Após a Segunda Guerra Mundial, o chamado Estado do Bem-Estar Social (Welfare State) buscou fundamentar a cidadania em um Estado-provedor, no qual os direitos sociais passavam a ser inerentes à condição do cidadão. Mas a partir dos anos 80 este modelo consagrado na Revolução Francesa e ajustado no pós-guerra entrou em crise.

Com o atual processo de globalização e evolução do capitalismo neoliberal, a noção de cidadania se alarga e se complexifica, anulando as barreiras territoriais e questionando os pressupostos básicos do Estado-nação. Exacerba-se uma espécie de “individualismo” estimulado pela sociedade do espetáculo e do consumo.<sup>4</sup> Ganha força a figura de “cidadão do mundo”, interligado a outros pares pelos suportes tecnológicos em vertiginosa evolução. O conceito de identidade nacional vai sendo substituído pelo de faixas (perfis) de consumo.

Hoje, ser cidadão é (poder) ser consumidor. Porém, se a expansão e intensificação do consumo (acompanhado de seu aparato ideológico) apresenta, de um lado, um viés democrático, acenando com a propagação das facilidades e comodidade de se consumir o que, quanto e como se desejar, de outro, ao elitizar-se e complexificar-se, gera crescente exclusão.

### **Exclusão Digital**

Nem tudo, em matéria de novas tecnologias, são maravilhas.

Presenciamos hoje efeitos colaterais indesejáveis, provocados por esta passagem radical da comunicação falada ou escrita para a comunicação digital, veloz, fragmentada em fluxos, e muitas vezes "perturbada" por uma série de ruídos. Afinal, o homem levou milhares de anos para projetar e adaptar seu aparelho fonador para emitir sons inteligíveis e coordenar mãos e cérebro para escrever idéias num suporte qualquer, e o simples fato de estes hábitos sofrerem bruscas alterações pode provocar sérias conseqüências.

Imaginemos, então, que se até hoje, depois de dezenas de milhares de anos, muitos homens em muitos lugares do planeta ainda têm dificuldades para falar e escrever



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

razoavelmente, tanto mais difícil esperar que em pouco mais de uma década (tempo decorrido desde a popularização dos computadores pessoais), as pessoas consigam entender a lógica do computador, para manipulá-lo e "acessar" sua "cidadania digital". Devemos, pois, ter em conta que a exclusão digital tende a crescer na mesma velocidade com que as máquinas evoluem, diferentemente dos processos (estáveis e "lentos") da aquisição da fala e da escrita.

Desse modo, as novas tecnologias - disponibilizadas a um preço cada vez mais acessível às pessoas – “criam” ilhas de consumo e acesso, alijando, inexoravelmente, cada vez mais e mais “ignorantes digitais”, seja em razão de certas pessoas não se familiarizarem (ou se recusarem a se familiarizar) com as novas tecnologias digitais, seja em virtude de vermos transpostas para a Rede mundial as diferenças já existentes no mundo físico, principalmente nos países subdesenvolvidos ou (eufemisticamente) denominados “em desenvolvimento”.

O Brasil, por exemplo, nem conseguiu erradicar o analfabetismo total ou funcional e já entra na era da globalização carregando um exército de “analfabetos digitais”, muitos dos quais poderão não ter chances de exercitar a chamada “cibercidadania” ou “cidadania digital”, talvez, em futuro muito breve, a única forma “eficaz” de se buscar e exercer a cidadania, pelo menos nos moldes como este conceito se vem delineando na pós-modernidade.

### **Novas Tecnologias da Informação e Comunicação - NTICs**

Cinco mil anos atrás, com a invenção da escrita, ocorreu o primeiro grande salto da espécie humana em direção à civilização tecnológica, estimulado pela radical mudança de paradigmas. O segundo só veio a ocorrer na metade do século XV, com a invenção da imprensa, que abriu-nos a possibilidade de reproduzir milhares de cópias idênticas do mesmo documento, democratizando a leitura e a escrita, franqueando o saber a um maior número de pessoas.

Mas é no século XX que se alteram radicalmente as noções de comunicação e informação, propiciadas pelo desenvolvimento das redes globais de computadores, como a



Internet, principalmente depois da explosão da WWW (World Wide Web), que permite a publicação eletrônica de alta qualidade de textos e imagens. Em sua configuração mínima, a comunicação (e troca de informação) precisa de uma mínima infra-estrutura: dois computadores (com modem), usuários, o provedor e uma rede telefônica. Para Lévy, esta *Máquina Universo* não pretende apenas resolver problemas, mas todos os problemas, uma vez que suas coordenadas e comandos permitem qualquer resolução. Para ele, o computador é grande operador de uma mutação antropológica de significativa amplitude, que resultará no *Homo informaticus* – o homem mediado pelos dispositivos da informática.

Lévy procura mostrar como a máquina está se tornando um dispositivo técnico pelo qual é possível perceber o mundo não apenas no plano empírico (fenômenos apreendidos graças a cálculos perceptíveis na tela), mas também no transcendental, visto que só se pode conceber o social, seres vivos ou processos cognitivos, por meio de uma matriz de leitura informática. Ou seja, o computador aí deixa de ser simples ferramenta para tornar-se o “prisma”, o “filtro” pelo qual o homem compreende o universo e a si mesmo. Mais do que ferramenta utilizada pelo homem, o computador se torna *complemento* dele.

Para tal, é necessário que as tecnologias intelectuais, ferramentas cognitivas, dispositivos de pensamento e artifícios de lógica nos permitam orientar o devir da mente e do pensamento. As tecnologias intelectuais quase sempre são imperceptíveis se não analisadas com cuidado. Invariavelmente, porém, têm grande impacto na forma de compreender e interpretar o mundo, bem como no modo de interagir com ele.<sup>5</sup>

### **Comunicação e Informação**

Pela ótica de Lévy, essa nova tecnologia, muito mais que inovação, põe em curso uma drástica revolução cultural, mudando, inclusive, o modo como as pessoas compreendem o mundo. A Internet vem modificando a forma como as pessoas se relacionam, aprendem,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

compram, consultam o médico etc. Não é à toa que muitos intitulam o período em que vivemos como o da revolução da informação.

É inegável, porém, que isso se dá devido a profundas mudanças nos indicadores da comunicação e da informática, que permitem os processos humanos de troca de informação de forma bastante acentuada. Os estudiosos empregam a sigla **NTICs** - Novas Tecnologias da Informação e Comunicação - para representar estes novos indicadores, entre os quais podemos citar as infovias, o ciberespaço e a comunicação digital.

Segundo Vigneron, a sigla NTICs aponta para a compreensão do fenômeno de mutação pelo qual passa a sociedade, ou seja, “um conjunto de meios de armazenamento, de tratamento e de difusão da informação gerado pelo casamento entre a informática, telecomunicações e audiovisual”, citando como exemplos o CD-ROM, a Internet, auto-estradas da informação, telefone, fax, multimídia, teleformação, teletrabalho, hipertexto, videogames etc. O autor acredita que as “NTICs provocam um impacto real e concreto sobre o trabalho, aprendizagem e relacionamento humano.”<sup>6</sup>

Como explicita Lévy, as NTCIs englobam mudanças tecnológicas, sobretudo em uma perspectiva de interação com o ser humano e seu cotidiano, o que, segundo ele, é muito mais importante que os dispositivos usados.<sup>7</sup> Só para se ter uma idéia, nos Estados Unidos, o acesso fácil e rápido permitido pela Internet tornou a troca de mensagens eletrônicas (e-mail) o segundo meio mais utilizado para comunicação nos escritórios. Com uma média de 36 contatos por dia, o correio eletrônico perde apenas para o telefone, usado em média 52 vezes por dia. Além disso, a infra-estrutura da Internet possibilita ouvir rádio e ler jornais, fazer telefonemas internacionais a preço de ligação local, afora dezenas de outras facilidades.<sup>8</sup>



## **Ciberespaço e Internet**

Falar em ciberespaço implica falar em Internet. E aí há confusões, tanto entre Internet e ciberespaço como entre Internet, Web e Rede Digital. A Internet surgiu na década de 60, em virtude de o sistema de comunicação americano constatar sua enorme vulnerabilidade a vazamentos de informação. Financiado pela ARPA (Advanced Research Project Agency) surgiu um projeto denominado ARPANET, rede formada por computadores, com o objetivo de criar um sistema capaz de ligar computadores geograficamente distantes entre si, mediante um conjunto de protocolos, que permitiam às máquinas “dialogarem” entre si.

O problema é que, muitas vezes, se confunde rede física com rede de computadores, ou seja, Internet com Web. Segundo Lévy, “Internet vem de internetworking (ligação entre redes), [ou seja] (...) é o conjunto de todas as redes e gateways que usam protocolos TCP/IP. (...) é o conjunto dos meios físicos (linhas digitais, computadores, roteadores etc.) e programas (protocolos) usados para o transporte da informação. A Web (WWW) é apenas um dos diversos serviços disponíveis através da Internet, e os dois termos não são a mesma coisa (...)”<sup>9</sup>

Já “ciberespaço” seria o ponto de confluência das redes, sendo, portanto, o espaço composto por todos os computadores conectados, podendo ser empregado tanto para rede física, como para as trocas semânticas. É o que muitos chamam de *espaço virtual*.

Rede Digital refere a imensa malha planetária formada por dispositivos que podem trocar informações entre si. Segundo Lévy, este termo é preferível a outros como Web, Internet e ciberespaço, porque permite abranger a maioria dos pontos constituintes desta rede. A Internet se relaciona ao meio físico, enquanto a Web refere-se ao formato de páginas (browser Mosaic), e o ciberespaço, a comunidades digitais. Tudo isso é englobado pela Rede Digital. Por onde quer que circulem bits, por onde a informação for transmitida por pulsos elétricos, onde exista uma conexão entre dispositivos digitais aí se estará configurada a Rede Digital, ou seja, *enquanto o termo ciberespaço compreende a comunicação humana mediada pelas máquinas, a Rede Digital compreende a própria comunicação entre as máquinas.*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **Ciberespaço como Rizoma**

O ciberespaço gibsoniano é uma "alucinação consensual" ao qual alguém pode se conectar por meio de chips implantados no cérebro.<sup>10</sup> Ciberespaço, portanto, é uma simulação tridimensional, um campo de sonhos projetado pela realidade virtual, espaço que, segundo Rheingold, “coloca imediatamente em xeque os limites entre o social e o tecnológico, entre a biologia e a máquina, o natural e o artificial, fazendo parte do imaginário pós-moderno.”<sup>11</sup>

Antes das tecnologias com base na mecânica e na energia, o homem já desenvolvera outras tecnologias da inteligência, como a escrita, cuja expansão transformou toda a cultura. Em nossos dias, com a revolução tecnológica da informação, o mundo vem-se transformando vertiginosamente em todos os sentidos, inaugurando-se a chamada *cibersociedade* vivendo numa *aldeia global*, conforme previra McLuhan. Neste cenário interligado, a tecnologia criou um espaço virtual, o ciberespaço, ao qual milhões de pessoas diariamente se conectam em busca de informação e lazer.

O ciberespaço seria, assim, um espaço mágico, rede de inteligências coletivas (Pierre Lévy), auto-organizante e semi-orgânico, metaforizado por um rizoma “mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga”<sup>12</sup>, metaforizando, assim, a extrema liberdade de conexão entre pontos. Na Internet cada ponto é um potencial elo e nó do rizoma. Assim, a rede, por suas características e natureza digital, seria um meio de extensão da mente humana, estrada virtual por onde (o)correm relações interpessoais. Antes de revolução tecnológica, isso significa verdadeira revolução cultural.

A Internet configura-se como um meio indeterminado, fluido, sem controles e hierarquias aparentes, nem local nem tempo passíveis de aferição. Para Lévy, o ciberespaço abrange o espaço cultural, universo em si mesmo, composto pelas redes computadorizadas, informações nelas contidas e pela inteligência dos que nele navegam. Cada ser humano, utilizando o ciberespaço, torna-se parte dele e contribui para seu desenvolvimento. Na verdade



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

estamos diante de um meio de comunicação altamente interativo, como prolongamento, segundo a idéia de McLuhan, de nossa relação com o próximo, com governos, políticos, órgãos de comunicação (rádio, televisão, jornais, revistas).

### **Uma Possível Ciberética**

Em primeiro lugar, para se analisar o processo de exercício da cidadania (bem como seu inverso, o da exclusão social), é preciso lembrar que as relações interpessoais – tão caras aos estudiosos do ciberespaço - apenas migraram do mundo físico ao da realidade virtual, mas os efeitos permanecem literalmente os mesmos dos de antes da era digital. Conversas, brigas, mensagens otimistas ou pessimistas, correntes de ajuda humanitária ou portadora de poderosos vírus destrutivos, tudo como no velho mundo físico, só que agora otimizados e acelerados a uma crescente velocidade. Ou seja, as transações ocorrem do mesmo modo como em tempo e espaço reais. Só que o processo, antes marcado pelas restrições do mundo físico e leis da física clássica, obedece agora à indeterminação da física quântica, isto é, aos paradigmas que regem sistemas não lineares e distantes do equilíbrio.

O que houve, portanto, foi, conforme Negroponte<sup>13</sup>, a transição de átomos para bits, ou seja, antigas formas de se comunicar, comercializar e transportar informações estavam presas à base material: o texto "colava-se" ao livro, a imagem ao quadro, o filme à película e assim por diante, estes meios (media) precisando, então, de suportes físicos. Porém, desenvolvimentos técnicos posteriores permitiram transformar sinais imprevisíveis, como os elétricos, em funções matemáticas regulares, ou "bits", dígitos binários (processo conhecido como digitalização).<sup>14</sup>

Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de que os e-comunicadores (internautas, cibernautas), em sua maioria, agem no anonimato, razão pela qual as "antigas" interações presenciais precisam ser repensadas e, em decorrência disso, também e sobretudo uma nova ética.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

De fato, desde uma inocente “camuflagem” de sua real personalidade (na rede quase sempre as pessoas “mentem” sobre si mesmas) até ações mais graves (delitos mesmo) na Internet, o anonimato deixa tudo mais fácil, até tentador, prazeroso. A garantia de uma interação a distância usando apenas pseudônimos (apelidos) pode levar a um certo *voyeurismo* e à fantasia como exercício lúdico, criação de personagens etc. Ou seja, a Internet favorece sermos o que não somos mas imaginamos ser, porque um locus assim “não espacial”, virtual, serve-nos, na medida exata, de “palco” onde podemos montar e encenar nosso espetáculo particular, seja fazendo as vezes (e falas) de uma mulher ou de um homem, criança ou idoso, religiosa ou prostituta. Tudo divertido e sem muitas conseqüências. No caso de algum titubeio, erro, risco, contradição, basta-nos mudar de site ou desligar o micro.

Mas apesar desta aparente “segurança”, talvez por ser estranho à nossa condição humana, sentimo-nos privados do contato, do olho-no-olho, do face-a-face, encerrados e restritos que estamos numa comunicação *por* e *com* palavras, sem rostos, tela a tela, teclado a teclado. Corpos não ocupam um espaço comum no ciberespaço. Ao contrário, por sua natureza quântica de espaço “inespacial”, a rede (não só mas principalmente) permite certas *singularidades*, *superposições*, *ubiquidades*. Podemos, só como exemplo, estar em mais de um lugar ao mesmo tempo.

Assim, o exercício desta cidadania digital, cibercidadania, começa pelo e sob os postulados de uma nova ética que privilegia o anonimato, a rede (entendida como coletividade), a representação e a obra (características da pós-modernidade). Seria uma possível ética do ciberespaço, uma Internética, com o objetivo de guiar e “regular” as novas interações “sem rosto”, tendo como base o reconhecimento de um Outro como um ser humano em busca de interação, informação, diálogo.

Sobre uma possível ética do ciberespaço, pelo fato de o interlocutor internauta não se mostrar, esta nova forma de comunicação em rede tem de ir aos poucos estabelecendo outros modos de reconhecimento e ajuda mútua, delineando, no fazer diário, suas próprias regras, comportamentos, criando, então, à revelia de sanções legais, ou para além delas (incipientes e



de difícil fiscalização), alguma forma de conduta ética capaz de otimizar as interações a distância, hoje comprometida pelos mesmos impasses verificados no mundo físico.

No contexto desta proto-ética, há de se mencionar a tradicional ligação entre religião e ética, dogmatizada na idéia de que o homem tende a praticar o bem, para ganhar o céu. Rejeitando estas ingênuas “ameaças” da religião tradicional, notamos que, aos poucos, independentemente de ordens e hierarquia, centro ou quaisquer normas, a Internet vai achando seus próprios caminhos éticos, sobretudo baseados na benevolência, solidariedade e amor ao próximo (verdadeiro e desinteressado), à revelia de céus e infernos.

## **Ciberética e Cidadania**

Voltemos às indagações iniciais: como alcançar um consenso na Internet, capaz de garantir isenção e igualdade no acesso à informação?

Em primeiro lugar devemos lembrar que qualquer tipo de interação depende de alguma forma de cooperação humana, na qual o indivíduo, submetido a normas abstratas de conduta, persegue fins particulares que se lhes apresentam como mais adequados. Aplicando esta tese na Internet e seu ciberespaço, vemos que um dos objetivos dos internautas é garantir que, ainda que alguém não tenha razões particulares suficientemente fortes para colaborar, devem optar por ações socialmente úteis.<sup>15</sup>

Em segundo lugar, há dois tipos de interação, a primeira entre internautas vizinhos, marcada por uma grande possibilidade de futuras interações; a segunda com estranhos, com quem a probabilidade de uma outra interação é reduzida. Mas outra característica da rede – a de interações a distância, não importando a situação geográfica de cada um dos participantes – de certa maneira modaliza a primeira: a probabilidade de uma futura interação vai depender quase que exclusivamente do interesse de cada internauta nela envolvido.

Na Internet, em virtude de inexistirem comandos ou autoridades que supervisionem o uso da rede, ou seja, não haver normas claras e eficazes para coibir abusos, os indivíduos só



podem depender de si mesmos para se incentivarem mutuamente a fim de que as interações produzam seus resultados, estimulem a cooperação e impeçam afastamentos.

As “regras” que norteiam interações ciberespaciais entre “reciprocitores” (indivíduos que trocam favores, compartilham preferências etc.) acabam por se estender a estranhos. Um cibernauta, cada vez que inicia uma interação com um estranho, tende a imprimir nesta relação os mesmos passos, rotinas etc., o que, de certa forma, estende, espalha à comunidade como um todo certos procedimentos desejáveis, condutas mais “eficientes”, enfim o que se deve ou não fazer, não por medo de sanção, mas para alcançar-se eficiência, rapidez e qualidade em matéria de acesso, pesquisa, informação, diálogo.

No fundo, estes pequenos passos éticos visam a uma economia e otimização dos meios operacionais, sem a qual o sistema pode se congestionar e não satisfazer aos anseios do usuário, e também à manutenção de um espaço amplo e saudável para interações sociais e culturais mediadas pelos signos do ciberespaço.

Estas “boas” condutas vão-se firmando e se aprimorando no uso da rede, enquanto as “más” vão sendo abandonadas, não por imposição de lei ou de autoridade, nem de pessoas ou grupos, mas premidas por uma tácita *vontade geral* (no caso aqui, semelhante à preconizada por Rousseau em seu *Contrato*). O “bem” virtual nasce, desenvolve-se, aprimora-se ao longo das interações entre internautas, é um aprender fazendo, pensando, partilhando histórias, informações. É, pois, um “bem” cultivado e mantido pela comunidade virtual.

Outra forma ética singular da rede é sua capacidade de agregar – simultânea e imediatamente – pessoas em torno de projetos, dispondo de dados, saberes e instrumentais relacionais. Pela primeira vez na história do homem, pensadores, escritores, pesquisadores, filósofos, cientistas e artistas dos mais diversos cantos do mundo podem se interconectar juntando suas inteligências em rede como se conectam neurônios em sinapses, para, ainda metaforizando, formar um gigantesco cérebro planetário que não pára de se expandir.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Este fenômeno da *inteligência coletiva* (Pierre Lévy), que se funda e se firma em trocas do saber entre comunidades e usuários, reorganiza, interativamente, a informação disponível, alargando os limites do conhecimento.

Uma outra característica da Internet seria, para além do correio eletrônico, entretenimento e pesquisa, constituir-se em um fórum *on line* capaz de receber/encaminhar denúncias, montar e manter grupos de pressão por direitos humanos, enfim, organizar e revitalizar movimentos civis, o que também era bastante difícil sem um canal aberto com o mundo. ONGs, sindicatos, associações profissionais e partidos políticos procuram se comunicar valendo-se do alcance e simultaneidade da Web. Pessoas e instituições se relacionam, de diferentes lugares do mundo, em grupos e listas de discussão, ou conferências eletrônicas. Sites, portais, home pages, por links, remetem-se uns aos outros, por temáticas correlatas, estimulando-se processos de inserção político-social das minorias e de outras forças à revelia de ideologias e políticas.

Quando um leitor desconfia da credibilidade do noticiário de um jornal ou revista, pode checar dados, consultar publicações *on line* sobre o assunto, refinando sempre sua pesquisa. Constatado o equívoco, este leitor poderá enviar e-mail para qualquer órgão público ou autoridade, nacional ou internacional, o que nunca antes poderia ser conseguido sem perda da auto-estima, além de considerável desgaste e perda de tempo.

Na Internet uma das motivações funda-se na reciprocidade. O internauta é um ser em busca de informação, mas nem sempre um exame solitário em sites e portais lhe fornece o desejado. Por esta e outras razões, a maioria dos infonautas participa de grupos de conversação e listas de discussão sobre os mais variados assuntos, no interior dos quais, para se manter um saudável espírito de camaradagem e cooperação mútuas, é preciso seguir normas, rotinas, regras, uma das quais consiste em retribuir os favores recebidos.

Retribuir significa reforçar a solidariedade, desenvolver o senso crítico e crístico. A rede favorece este tipo de aperfeiçoamento mental-espiritual.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Outro ponto é que nunca em toda história da humanidade os seres humanos tiveram oportunidade de ser tão cidadãos do mundo como agora: pode-se agora reclamar ao Presidente da República ou se ligar com os mais remotos cantos do planeta em segundos, exercitar idiomas, compartilhar culturas de centenas de povos, auxiliar pessoas a encontrar entes queridos, ler, estudar, trocar experiências, conhecer enfim gente de todas as raças, credos, cores, origens. O planeta ficou pequeno demais: pequenos ou grandes dramas, sinistros, acidentes, alegrias e tristezas dos mais distantes povos chegam em segundos à tela de um monitor plugado: não há como não ver ou sentir. E reagir.

Conectados à rede, nunca ficou tão fácil ajudar o próximo.

Sabendo dos dramas e necessidades das pessoas, às vezes de lugares distantes e desconhecidos, basta agora *querer* ajudar. Para bem-intencionados, o anonimato é o caminho para o bem e a virtude, porque permite, primeiro, juntar-se a centenas ou milhares de outros internautas imbuídos do mesmo propósito (como nunca antes foi possível); segundo, porque o anonimato, marca registrada da rede, permite ajudar sem mostrar-se, o que, a nosso ver, é um ato de caridade verdadeiramente ética.

Vários projetos pretendem promover a inclusão digital de jovens e pessoas interessadas em aprender a manejar um micro e acessar a Internet, havendo hoje dezenas de sites e programas projetos que trabalham a serviço da construção da cidadania plena, da efetivação dos direitos humanos, do enriquecimento da cultura, como por exemplo, o portal de informações DHnet - Rede de Telemática Direitos Humanos & Cultura, no ar desde maio de 1995. A Rede DHnet é um provedor de informações, via Internet, que possui o maior banco de dados sobre Direitos Humanos no Brasil, enquanto a TCC – Brasil, Transparência, Consciência & Cidadania – Brasil, organização filiada a um movimento internacional que busca a integração – via Internet - contra a corrupção, objetiva realizar ações que contribuam para promoção da transparência e da probidade administrativa, conscientização ética e democrática visando à construção da cidadania no Brasil e em mais de duzentos países.<sup>16</sup>



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente conta com programas de ajuda, entre os quais programas de inclusão digital, como o **Garagem Digital**, que procura implantar políticas ou programas que assegurem o acesso à tecnologia da informação.<sup>17</sup>

A Fundação Bradesco e a Microsoft desenvolvem projeto de inclusão digital para formação de profissionais certificados, visando oferecer oportunidades de treinamento e certificação para milhares de alunos sem acesso à tecnologia e à formação profissional.<sup>18</sup>

O Brasil participa de programas de inclusão digital, tais como o G8- DOT Force; Força Tarefa das Nações Unidas TICs para o Desenvolvimento; Programa Informação para Todos, da UNESCO; Markle/PNUD Projeto de Oportunidade Digital, entre outros.<sup>19</sup>

O On-Line Cidadão, desenvolvido por várias organizações, entre elas o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, dispõe de sistemas de acesso gratuito à Internet.<sup>20</sup>

Este é o resultado (como forma de ilustração) de uma brevíssima pesquisa na rede sobre entidades voltadas à alguma forma de ajuda humanitária a pessoas menos favorecidas. Evidentemente não haveria espaço para falar mais detalhadamente sobre todos os projetos.

Também seria bom ressaltar não estarmos aqui – messianicamente – acreditando que a rede venha a redimir a humanidade. Ela é apenas uma extensão talvez otimizada do nosso mundo dito real, com seus defeitos e qualidades, amores e dissabores, tristezas e alegrias. Porém, por suas características especiais, entendemos que se presta a um vigoroso instrumento de exercício da cidadania.

Há hoje no mundo (e no Brasil) centenas de sites, home pages e portais ligados à reeducação de menores carentes, deficientes físicos e mentais, divulgação (sintomas e tratamento) de doenças de todos os tipos, grupos de ajuda e discussão sobre drogas, desvios sexuais etc. Instantaneamente ficamos sabendo das atrocidades cometidas na Bósnia e no Timor-Leste; das execuções criminosas na China e da matança de crianças na Índia, além de muitas outras violações dos direitos humanos.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Com um clique ajudamos a matar a fome de alguém, ou a colaborar com a Ação da Cidadania do falecido Betinho, ou assinar uma lista pró-impeachment de Collor ou de Clinton, ou ainda estender a nossos amigos um pedido de uma mãe desesperada que precisa salvar seu filho doente ou resgatar sua filha desaparecida.

Por fim, mesmo aos excluídos digitais a que nos referimos no início deste artigo a rede oferece ajuda. Como sabemos, a exclusão digital é em grande parte patrocinada pela exclusão social, havendo, neste sentido, dezenas de entidades, ONGs, órgãos governamentais (São Paulo, Minas e Rio de Janeiro já contam com programas intensivos) voltados a promover a educação de jovens e adultos, alfabetizando-os e (re)qualificando-os para o trabalho.

Assim, a notável característica da rede é sua inusitada *força motriz inovadora e renovadora*, que divulga e restabelece laços de contigüidade cultural, sublinhando a pluralização de tendências culturais, produzindo coisas novas e levando a alegria e a esperança a muitos.

## **Bibliografia**

AXELROD, R. *A evolução da cooperação*. Madrid: Alianza, 1986.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DIMBLEY, Richard, BURTON, Graeme. *Mais do que palavras: uma introdução à teoria da comunicação*. São Paulo: Summus, 1990.

FREITAS, Lucas Tauil de. Internet: a revolução continua. Revista Ícaro Brasil, Edição Especial, ano XVIII, n.8, ago.2001.

GIBSON, W. *Neuromancer*. Paris: La Découverte, 1985.

LÉVY, Pierre. *A Máquina Universo - criação, cognição e cultura informática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

MARSHALL, T. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RHEINGOLD, Howard (1991). *Virtual Reality*. New York: Touchstone, 1991.

VIGNERON, Jacques. *Comunicação interpessoal e formação permanente*. São Paulo: Angellara, 1997.

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade: o uso humano dos seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1984.

### Sites

<http://www.fundabrinq.org.br>.

<http://www.mct.gov.br/comunicacao>

<http://www.microsoft.com/brasil/pr/2001/inclusao.htm>

<http://www.tcc-brasil.org.br>.

<http://www.zaz.com.br/icarobrasil/9911/www.htm>.

---

<sup>1</sup> Na “globalização” as estratégias estão integradas por redes eletrônicas, entre as quais a Internet.

<sup>2</sup> DIMBLEY, Richard, BURTON, Graeme. *Mais do que palavras: uma introdução à teoria da comunicação*. São Paulo: Summus, 1990, p. 40.

<sup>3</sup> MARSHALL, T. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

<sup>4</sup> “Sociedade do espetáculo”, como produção de imagens por meio de processos digitalizados.

<sup>5</sup> LÉVY, Pierre. *A Máquina Universo - criação, cognição e cultura informática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 91.

<sup>6</sup> VIGNERON, Jacques. *Comunicação interpessoal e formação permanente*. São Paulo: Angellara, 1997, p. 21.

<sup>7</sup> LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p. 179.

<sup>8</sup> EDITORIAL. WWW REVOLUÇÃO.COM. Ícaro Brasil, ano XVI, n.11, nov. 1999. Disponível no site <http://www.zaz.com.br/icarobrasil/9911/www.htm>.

<sup>9</sup> LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999, p. 255.

<sup>10</sup> GIBSON, W. *Neuromancer*. Paris: La Découverte, 1985.

<sup>11</sup> Na Virtual Reality (VR) o homem tem sua morfologia condicionada a sua projeção tecnológica. RHEINGOLD, Howard (1991). *Virtual Reality*. New York: Touchstone, 1991, p. 84.

<sup>12</sup> DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 32-3.

<sup>13</sup> NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 204.

<sup>14</sup> A expressão Bit Binary Digit (bit) é usada para designar a quantidade mínima de informação com base em apenas dois valores, zero ou um. (WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade: o uso humano dos seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1984, p. 21).

<sup>15</sup> AXELROD, R. *A evolução da cooperação*. Madrid: Alianza, 1986, p. 129.

<sup>16</sup> Site <http://www.tcc-brasil.org.br>.

<sup>17</sup> Site <http://www.fundabrinq.org.br>.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

---

<sup>18</sup> <http://www.microsoft.com/brasil/pr/2001/inclusao.htm>

<sup>19</sup> <http://www.mct.gov.br/comunicacao>

<sup>20</sup> [www.onlinecidadeo.com.br](http://www.onlinecidadeo.com.br)